

Esposende

9 FACTORES DIVERSOS BARALHAM PREVISÕES PARA AS «AUTÁRQUICAS»

Por ARMANDO SARAIVA (correspondente)

O confronto político entre o CDS e o PSD no município de Esposende tem-se mantido em estado latente, embora com afloramentos à superfície, de quando em vez. Com a aproximação de novo período eleitoral, as tensões e fissuras entre estes dois agrupamentos vão avolumando-se, enquanto as demais forças políticas começam a ensaiar um melhor posicionamento para o período de luta que vai surgir.

O PRD, que já beneficiou de uma certa aura e que, inclusive, chegou a colocar um deputado na Assembleia da República, não revela possuir, nesta fase, força animica para apresentar uma candidatura. Para quem irão os seus votos? O PCP já tem candidato, que é o caudillesco local Joel Duarte. O PSD vai tentar levar à Presidência da Câmara o conhecido industrial apuliense Alberto Figueiredo, que vem exercendo as funções de vereador. Por sua vez, o CDS mantém como cabeça de lista a actual presidente, Laurentina Torres, que, como é sabido, ascendeu à chefia da Edilidade por morte do Eng. Losa de Faria, vai para dois anos. O médico Juvenal Silva é o «número um» do PS, concorrendo como independente.

Vamos tentar fazer uma análise às condições em que têm vivido estes grupos, bem como ao perfil dos respectivos candidatos para se conseguir extrair quaisquer conclusões.

O partido mais votado nas «autárquicas», desde sempre, foi o CDS. A primeira vitória ficou a dever-se à

coincidência da sua ideologia com o pendur idiossincrático da população esposendense. Trata-se de um município predominantemente rural, só agora apresentando foros de indústria e, portanto, com um componente tradicional e religiosa acentuada. Nos triénios seguintes, o mérito das vitórias assentou, sem sombra de dúvida, na personalidade de Losa de Faria, que se revelou bom gestor municipal e melhor estrategista político.

Bom, mas a sombra do eng. Losa desapareceu. Com que triunfos jogará a actual presidente da Câmara e próxima candidatas? O seu mandato não foi pródigo em realizações de vulto. Ficou até a pairar a sensação de uma certa insegurança ou de uma certa morosidade. Mas aqui a autarca esposendense pode contrapor que a não deixaram trabalhar. Aliciaram-lhe até um vereador do seu «naípe» (eng. Marques), que passou a votar pela Oposição (leia-se PSD), o que aconteceu, por exemplo, com a não aprovação do Orçamento e Plano para 1989. Isso é exacto, mas os seus apositores

podem alegar que assim agiram, tendo em linha de conta os superiores interesses do concelho. Seria só por isso ou pesou também a vontade da «retaliação»?

Há quem acuse a presidente de girar na órbita de influência de alguns empresários da vila. Com fundamento? Nós só estamos a dizer que a acusam disso. E essa acusação, com fundamento ou sem ele, pode pesar nas urnas.

A prof.ª Laurentina Torres tem exercido o seu múnus com grande dose de afabilidade. O seu relacionamento com todos os presidentes de junta tem sido o mais amistoso possível. A sua presença fez-se notar em vários actos festivos da localidade. Igualmente, nos momentos de maior tristeza lá aparecia aquela autarca a trazer um abraço de solidariedade. Vestindo a «pele» do PSD, diremos que a presidente centrista se revela perigosamente simpática. De salientar, igualmente, as várias «démarches» tendentes a erradicar a poluição do rio Cávado, a montante da captação das águas, que abastecem as vilas de Fão e Esposende. Certo é que os seus adversários a criticam neste aspecto, por se revelar branda em demasia com os focos poluidores implantados no concelho.

Quanto à fuga de um edil da sua «companha» para o seio do PSD (este partido conclama que houve apenas uma coincidência de posições), deve dizer-se que ela se integra na fractura verificada entre os «homens do presidente» (Losa) e Laurentina Torres, tendo esta

última à sua ilharga a actual Direcção do CDS. Que custos terá esta dissidência?

Ainda a favor da presidente deve abonar-se que no diz-que-diz-que colectivo não se captam rumores de venalidade.

Vejamos agora o PSD. Apresenta como candidato um gestor bem sucedido no âmbito dos têxteis. E isso prefigura, na mente dos eleitores, uma boa administração da municipalidade. Pratica o mecenato em instituições de carácter social e cultural. É considerado como o principal responsável pelo bloqueio que a Câmara fez há meses a uma proposta da Assembleia Municipal, no sentido de a Edilidade esposendense apresentar queixa ao Parlamento Europeu contra a Câmara de Barcelos e o Ministério da Indústria, por estas entidades haverem licenciado tinturarias clandestinas. Ainda que certos comentadores locais tenham interpretado a atitude de Alberto Figueiredo como uma preocupação de que nem o Governo nem o Partido fossem molestados internacionalmente, é credível que o empresário de Avelãs haja considerado a proposta (da Assembleia) totalmente carecida de eficácia, dado que a poluição é hoje um fenómeno universal

que afecta particularmente a Europa dos Doze, ou seja, os países coordenados pelo Parlamento Europeu. O certo é que no fundo ficou o gesto de uma obstrução num assunto de muito melindre.

Como se deduz do que acima afirmámos, o PSD perdeu, nos quatro actos eleitorais já realizados, sempre a favor do CDS e apenas nas «autárquicas». Nas «legislativas» e para o Parlamento Europeu deu-se o contrário. O mesmo aconteceu ao PS. Porquê esta oscilação? Já afirmámos atrás que o eng. Losa era um grande estratega. A sua personalidade e, sobretudo, uma grande intuição faziam-no ganhar votos. Mas não foi só isso. Mui-

tos boletins foram cair nas urnas do CDS só para que o seu grande rival não ganhasse. O embate entre os dois partidos como que protagonizava em exclusivo a luta política no concelho.

Tudo o mais ficava na sombra. Porém, a veemência posta na refrega pelos sociais-democratas concelhios, o seu encarniçamento, uma certa ufania, como que tem provocado o conhecido efeito de «feedback», levando algumas pessoas a votar no outro partido. Quer dizer: tratando-se do mesmo tecido social, onde as decisões não assentam em qualquer trempe ideológica, os defeitos apontados ao CDS iriam aparecer com maior acutilância no partido que revelasse maior agressividade. Assim têm pensado muitos tráfugas políticos de Esposende e para morigerar trocam de urna.

Ora, em tempos não muito remotos, nós afirmámos neste mesmo jornal que se aparecesse um terceiro agrupamento com uma candidatura forte, o «statu quo» político de Esposende iria modificar-se.

Acontece que o Partido Socialista apoia um clínico muito conhecido e bem relacionado na região. Que votos conseguirá?

Há a considerar que o PS se está a mover com certa organização no concelho, sendo de prever que os dois mil e tal eleitores (das «legislativas») adiram ao candidato proposto pelo partido.

Depois, como médico bem acientado, o dr. Juvenal tem amigos em todos os quadrantes, o que lhe vai proporcionar votos diversificados.

É possível admitir ainda a existência de um grupo de pessoas que não suportam mais lutas partidárias, desejosas de mudança e que por isso vão alterar o sítio da colocação de votos.

Pode pensar-se, pois, que nas próximas eleições o Partido Socialista atinja números algo surpreendentes.

Quanto ao PC, dado que não se empenhou numa candidatura muito forte, é de admitir uma certa estabilidade ou até uma certa erosão, como já aconteceu entre as penúltimas e últimas eleições autárquicas.

Resumindo: mais um combate encarniçado se vai travar entre um PSD sempre coeso, activo e esperançado, e um CDS a quem falta um estratega carismático, mas com um presidente em exercício. A meio encontra-se o PS, a dificultar a previsão dos resultados.